

Com a palavra, os professores: Desafios e emoções no ensino remoto de Língua Portuguesa da rede municipal de ensino de Petrolina-PE durante a pandemia de covid-19

With the word, teachers: Challenges and emotions in the Portuguese Language remote teaching in the municipal teaching network of Petrolina-PE during the covid-19 pandemic

Naítalo do Carmo Lima*
Universidade Estadual de Feira de Santana
Universidade Federal do Vale do São Francisco
Juazeiro, Bahia, Brasil

Resumo: Este artigo tem por objetivo compreender os desafios e emoções experienciados pelos professores de Língua Portuguesa da rede municipal de ensino de Petrolina/PE durante a pandemia de covid-19. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com base na Antropologia das Emoções, considerando que as vivências desses profissionais não foram individuais, mas coletivas, pois de muitas maneiras foram compartilhadas entre si. Para tanto, realizamos entrevistas com cinco docentes da rede municipal de ensino, de diferentes escolas, para captar suas concepções, inquietações e emoções acerca da sua atuação profissional durante a pandemia. Baseamo-nos em Mauss (2001), a partir das análises sobre a expressão dos sentimentos como um comportamento simbólico, muito além da psicologia e fisiologia; Le Breton (2009) e Rezende e Coelho (2010), reconhecendo que os sentimentos em análise emergem de relações sociais e de um contexto cultural; e em Rosaldo (1984), no âmbito da antropologia americana, abordando as emoções como categoria antropológica, passíveis, portanto, de investigação, entre outros autores importantes para este trabalho. Foi possível identificar grande inquietação e tristeza dos docentes ao tratarem do tema, mas também um sentimento de dever cumprido, mesmo diante de tantos entraves. Buscamos registrar de maneira sistemática este período inédito para a educação como um todo e esperamos contribuir para novas reflexões acerca da identidade e emoções do professor e sua construção sócio-histórica.

Palavras-chave: Pandemia de COVID-19. Educação Básica. Professores. Antropologia das emoções.

Abstract: This article aims to understand the challenges and emotions experienced by Portuguese language teachers from the municipal education network of Petrolina/PE during the covid-19 pandemic. This is a qualitative research, based on the Anthropology of Emotions, considering that the experiences of these professionals were not individual, but collective, as they were shared in many ways. To this end, we conducted interviews with five teachers from the municipal education network, from different schools, to capture their conceptions, concerns and emotions about their professional performance during the pandemic. We base ourselves on Mauss (2001), based on analyzes of the expression of feelings as a symbolic behavior, far beyond psychology and physiology; Le Breton (2009) and Rezende and Coelho (2010), recognizing that the feelings under analysis emerge from social relationships and a cultural context; and in Rosaldo (1984), within the scope of American anthropology, approaching emotions as an anthropological category, therefore subject to investigation, among other important authors for this work. It was possible to identify the teachers' great concern and sadness when dealing with the topic, but also a feeling of accomplishment, even in the face of so

* Professor da Rede Estadual da Bahia e da Rede Municipal de Petrolina/PE. Licenciado em Letras e Pedagogia, especialista em Linguística, bacharelado em Ciências Sociais (UNIVASF) e Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e estudante de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UEFS. Email: naitalolima@hotmail.com.

many obstacles. We seek to systematically record this unprecedented period for education as a whole and hope to contribute to new reflections about the teacher's identity and emotions and their socio-historical construction.

Keywords: COVID-19 pandemic. Basic Education. Teachers. Anthropology of emotion

INTRODUÇÃO

O ensino remoto é uma forma de ensino no qual a interação entre professores e alunos ocorre por meio de tecnologias diversas, não havendo qualquer possibilidade de contato físico. Desde que a pandemia de Covid-19 atingiu o país, em março de 2020, as escolas vêm se utilizando dessa interação para tentar promover os processos de ensino-aprendizagem. No entanto, essa abrupta mudança do fazer pedagógico tem provocado sérios problemas para aqueles que são os atores-chave neste processo, os professores.

De forma geral, o ensino remoto tem sido aplicado no país em todos os níveis e modalidades, contudo, nem todos os alunos e professores possuem internet e equipamentos para se inserirem no processo. Na Educação Básica, sobretudo no Ensino Fundamental, isso tem sido um grande obstáculo, pois todo o contexto de exclusão social, insatisfação e fracasso educacional deságua na figura dos docentes, uma vez que, além de se desdobrarem para providenciar todos os elementos necessários para a realização do seu trabalho, precisam lidar com as próprias emoções e com as dos alunos, que fazem deles o principal ponto de apoio. Esta pesquisa busca analisar como os docentes se sentiram e quais emoções emanaram neste período de pandemia.

Os professores são figuras cruciais para o desenvolvimento da educação, por outro lado, governantes e gestores, inertes frente à pandemia, acabaram contribuindo para o fracasso educacional que há muito tempo se busca superar. A estrutura inadequada das escolas, a má aplicação de recursos públicos, alunos desmotivados, e profissionais mal remunerados são problemas conhecidos e que foram ainda mais acentuados no período pandêmico. A responsabilidade foi imputada quase que inteiramente ao professor, o qual se encarrega praticamente sozinho de todo um trabalho que deveria ser conjunto. Diante disso, procurei analisar neste trabalho os desafios e emoções que os docentes estão enfrentando neste período tão atípico.

Levando em consideração o complexo cenário sociopolítico no qual os professores brasileiros se encontram e partindo do pressuposto de que estão enfrentando grandes dificuldades com o ensino remoto, devido às restrições impostas pela pandemia e a falta de apoio institucional, propus esta pesquisa com o objetivo de compreender as dificuldades e emoções de professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II da Rede Municipal de Petrolina - Pernambuco. Além disso, procurei analisar o novo contexto sociopolítico e institucional em que estão inseridos os docentes, buscando conhecer suas concepções e práticas realizadas no âmbito do ensino remoto, bem como lhes proporcionar a oportunidade de, finalmente, expressarem suas opiniões e interpretação da situação.

A motivação primordial desta pesquisa reside na importância do tema para a educação e a sociedade, pois as dores e angústias que os docentes vivem, neste momento, devido às dificuldades de adaptação ao ensino remoto, à falta de apoio e o desprestígio

profissionais constituem agruras que certamente provocarão prejuízos sociais irreversíveis, atingindo toda uma geração. Ademais, dar voz a esta agonia, para nós, professores, é relevante, porque ajudamos a retirar o véu que invisibiliza um problema sério e pertinente: a negligência dos governantes.

Além disso, tenho notado, enquanto docente, colegas cansados, desmotivados e sentindo-se incapazes, mas calados. Eles não têm voz. Não conseguem expressar o que estão sentindo. Nessa perspectiva, buscamos contribuir com um trabalho antropológico que registre este momento tão dificultoso para o exercício da docência e contribua para a construção de um olhar mais sensível sobre profissionais que, no seu dia a dia, são atravessados por emoções humanas, como a afetividade, o amor, a empatia, o respeito às diferenças e às memórias culturais, mas que agora estão trancados em suas casas, sabendo que a maioria do alunado sequer pode participar de suas aulas.

Para o desenvolvimento deste trabalho, revisei artigos publicados em periódicos científicos disponíveis na internet e importantes estudos da Educação e da Antropologia. O recorte temporal da pesquisa situa-se entre os meses março de 2020 e agosto de 2021, pois abrangem o período mais crítico da pandemia. Para reforçar a base teórica, buscamos obras que tracem um panorama atual da educação básica e também autores clássicos que abordam, cientificamente, as emoções como produtos sociais.

A aplicação desta pesquisa se desenvolve remotamente, por meio do aplicativo de videochamadas Google Meet, mediante entrevistas em profundidade, com roteiro pré-fixado, com cinco professores de Língua Portuguesa, escolhidos de modo a representar diferentes escolas da rede. Optei pela entrevista individual, com o fito de capturar todos os elementos linguísticos e comunicativos dos entrevistados que permitissem aceder à significação de suas emoções.

Esta pesquisa é exploratória, tendo em vista a importância da base teórica para se ter um apurado ponto de partida conceitual, sobretudo acerca do que consideraremos emoção e trabalho. Como iremos colher e relacionar delicadas informações pessoais, íntimas, e descrever os resultados obtidos, ela também é descritiva. Esses dois aspectos somados ao trabalho de campo aqui proposto são capazes de trazer o que há de mais recente no âmbito do fazer pedagógico a partir do olhar etnográfico.

Este artigo encontra-se estruturado em seis seções, incluindo esta, a *Introdução*. Na segunda, intitulada *A Abordagem Metodológica*, descrevo os atores e instrumentos utilizados no levantamento dos dados empíricos. Na terceira, *A pandemia de COVID-9 no Brasil*, apresento um panorama da pandemia de COVID-19, desde a sua descoberta até o caos sanitário que vivenciamos. Na quarta, *A educação básica durante a pandemia*, lanço o olhar sobre a Educação Básica no Brasil, de maneira mais abrangente, focando em seguida no ensino fundamental e na Rede Municipal de Ensino de Petrolina/PE, analisando o seu funcionamento e a abordagem adotada para o período pandêmico. Na quinta, *A antropologia das emoções: um olhar para os professores*, trago os pressupostos teóricos da Antropologia das Emoções usados nesta análise e busco, a partir deles, entender quais são as interpretações dos docentes sobre o panorama socioeducacional, os desafios, as próprias emoções, e como lidaram com o ensino remoto sem o preparo ideal e o apoio necessário. Na última seção, apresento as *Considerações finais*.

A ABORDAGEM METODOLÓGICA

Partimos da premissa de que ouvir os professores é imprescindível para se compreender as dinâmicas do período pandêmico, visto que são o elo entre aqueles que decidem as políticas públicas educacionais e os estudantes, que são os receptores e usuários das ações resultantes dessas decisões.

Esta pesquisa é de natureza qualitativa justamente porque os objetivos, ligados precipuamente à emoção, não poderiam ser alcançados quantitativamente. Seguindo o pensamento de Maria Paz Sandín Esteban (2010, p. 96) “uma das linhas de pesquisa que do ponto de vista da didática se desenvolveu com maior ênfase nas últimas décadas em torno do conhecimento profissional é, sem dúvida, a do ‘pensamento do professor’.

Para a pesquisadora, são fundamentais os estudos desenvolvidos sob esse enfoque, cujo objetivo é conhecer “os processos de raciocínio que ocorrem na mente do docente durante sua atividade profissional; processos como a percepção das atitudes do aluno, a reflexão sobre suas atividades na sala de aula, a solução de problemas didáticos etc.”. (ESTEBAN, 2010, p. 96).

Nesse sentido, recorreremos à netnografia, um método associado ao trabalho de campo *on-line* que permite o uso de diferentes formas de comunicação mediadas por tecnologias digitais, acionado para construir dados. Para Kozinets (2014), a netnografia não trata as comunicações *on-line* apenas como conteúdo ou formas, mas como interações sociais, com expressões tomadas por diversos significados e como artefatos culturais.

Dessa maneira, optamos por realizar entrevistas, através do Google Meet, com cinco professores que vivenciaram os desafios do ensino remoto. A seleção dos participantes para este estudo foi a seguinte: enviei convite aos professores integrantes da Rede Municipal de Petrolina-PE, durante a pandemia, através do Whatsapp, email e/ou ligação telefônica. Cerca de quarenta professores foram convidados. Alguns aceitaram prontamente, outros hesitaram, mas resolveram participar e a maioria recusou-se.

O material empírico, portanto, foi construído a partir dessas conversas com os docentes, cujos perfis estão detalhados no quadro a seguir, com nomes fictícios. Todos os participantes concordaram em participar por livre e espontânea vontade, a partir de um formulário eletrônico no qual prestaram informações preliminares. Consentiram também com a gravação das entrevistas, desde que para fins exclusivos deste trabalho.

O roteiro de entrevista foi dividido em quatro eixos: desafios, eficácia, emoção, memória e gestão. Como ponto de partida foram feitas as seguintes indagações:

1. Desafios: Quais os principais desafios dos professores durante a pandemia?
2. Eficácia: Foi possível estabelecer um processo de ensino-aprendizagem eficaz por meio do ensino remoto?
3. Emoção: Quais as emoções mais evidentes neste momento de trabalho remoto?
4. Memória: Algum episódio em especial (aula, resposta/relato de alunos ou colegas) te faz refletir acerca do momento que vivemos?
5. Gestão: Como você avalia o direcionamento institucional?

6. Resuma em uma única palavra o período da pandemia.

Essas perguntas serviram de guia para o diálogo, porém, todos os participantes ficaram livres para expressar suas opiniões, sentimentos e emoções da maneira que mais se sentissem à vontade. Os cinco participantes são graduados em Letras e quatro deles pós-graduados; um estatutário e quatro temporários; possuem entre 29 e 32 anos de idade e experiência de 1,5 a 6 anos no Ensino Fundamental.

Todas as entrevistas ocorreram tranquilamente, conforme o esperado, e todos os participantes mostraram-se à vontade para expressarem seus desafios e emoções através de memórias e opiniões acerca do período da pandemia. Levei em consideração gestos, expressões faciais e outros elementos que me pareceram significativos, contudo, o foco, para este artigo, foi o discurso.

Quadro 1 – Destaque das participações (nomes fictícios)

Pseudônimo	Palavra-chave	Destaque
Araújo	“Esperança”	“Eu sempre ia com a esperança de que iria melhorar”.
Morais	“Caos”	“Infelizmente, não tenho boas lembranças do ensino remoto”.
Ribeiro	“Desgaste”	Meu Deus, como pode um negócio desse?”.
Silva	“Superação”	“...na primeira reunião presencial, a gente reencontrou os colegas, foi muito emocionante, muita gente chorou”.
Sousa	“Adaptação”	“O entrosamento do professor com o mundo tecnológico foi um aspecto muito positivo”.

Fonte: Os participantes

A PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL

No final de 2019, o mundo voltava suas atenções para a cidade de Wuhan, província de Hubei, na China. Naquela ocasião, o país enviava à Organização Mundial de Saúde (OMS) informações sobre o crescente número de casos de uma doença, até então desconhecida, causada por uma nova cepa de Coronavírus. A doença, ali comparada a uma pneumonia, foi batizada de COVID-19 (BEZERRA, 2020).

A epidemia local, que à primeira vista parecia controlável, começou a se espalhar pelo mundo. No dia 26 de fevereiro de 2020, foi confirmado o primeiro caso no Brasil. Matta (2021) nos explica que uma epidemia assim pode rapidamente se tornar um evento em escala global. É o caso da Covid-19, que levou menos de três meses para se alastrar por mais de 210 países e territórios, provocando contaminações e mortes.

Em 11 de março de 2020, a OMS reconheceu que o Planeta estava frente à primeira pandemia do século XXI. O mundo entrou em alerta. Por sua vez, o Ministério da Saúde brasileiro passou a realizar coletivas para apresentar o panorama pandêmico nacional. Com o crescimento do número de casos, em 18 de março, a Câmara dos Deputados aprovou o Decreto Legislativo nº 6, reconhecendo o estado de calamidade e permitindo gastos extras no enfrentamento da pandemia. As instituições responsáveis, de modo geral, estavam tentando fazer sua parte, contudo, havia um entrave, um ator determinante para o fracasso ou o sucesso do Brasil: o Presidente da República.

Ora, em tese, as políticas públicas devem ser eficazes o bastante para promover a diminuição das desigualdades sociais e o acesso a direitos e serviços essenciais, como trabalho, moradia digna e saneamento básico, promovendo a emancipação dos sujeitos e melhores condições de vida. Caso contrário, desenhamos uma sociedade fragilizada, na qual os indivíduos sequer conseguem exercer sua cidadania.

É importante considerar que, no Brasil, ultimamente temos presenciado a lamentável redução nos orçamentos da saúde, educação e previdência, além da precarização das relações de trabalho, enfraquecimento da universidade e desrespeito à ciência (GRANADA, 2020). Conforme explicitado acima, trata-se de uma série de tomadas de decisão por parte do poder público, que mais se aproxima de uma necropolítica do que de um esforço em defesa da vida, especialmente quando focamos neste período pandêmico.

Note-se que, mesmo diante de uma doença que sufocava vários países europeus, como a Itália, um dos primeiros atingidos, o governo brasileiro se comportava como se não acreditasse na gravidade da situação. Assistimos, atônitos, pelos noticiários, milhares de pessoas morrendo sem oxigênio, em países europeus, enquanto o vírus se aproximava de nós. Mesmo assim, grandes comemorações como Réveillon e Carnaval foram mantidas, reunindo milhões de pessoas em todo o país. Somente em Salvador, de acordo com a Secretaria de Comunicação (SECOM), a festa momesca colocou nas ruas o público recorde de 16,5 milhões de foliões advindos de diversos lugares do mundo (SECOM, 2020).

Esse comportamento displicente não se resume somente ao Brasil. Segundo Lucena (2020), enquanto a China cuidou da população, promovendo uma ação rápida e coordenada com testes massivos e isolamentos estratégicos, países como Itália, Espanha e Inglaterra optaram por negligenciar a pandemia. O autor deixa claro o panorama entre aqueles que buscaram estratégias para salvar vidas e os que fizeram exatamente o contrário. O resultado não poderia ser outro. De acordo com o Painel do Coronavírus da OMS, cerca de um ano e meio após o início da pandemia, essas nações encontram-se entre as onze com maior número de mortos. Estados Unidos, Índia e Brasil, que resolveram seguir caminhos semelhantes, encabeçaram a lista (OMS, 2021).

Os desafios não são simplesmente sanitários, são também "socioeconômicos, políticos, culturais, éticos e científicos, agravados pelas desigualdades estruturais e iniquidades entre países, regiões e populações" (MATTA, 2021, p.17). Por outro lado, pode-se dizer que o zelo e cuidado que os governantes chineses tiveram com o povo foram fundamentais para o controle regional da pandemia. Outros países, eximindo-se de exercer suas funções mais básicas e de tratar a situação, naturalmente caótica, com a amplitude e responsabilidade necessárias, amargaram milhares de mortos e doentes (MATTA, 2021).

O autor deixa claro, ao comentar a gestão na pandemia, dois aspectos imprescindíveis que faltaram ao Brasil. Primeiro, uma boa coordenação entre os entes federados que promovesse a união do país. Depois, uma liderança que utilizasse estratégias coerentes e eficazes de acordo com situações específicas, pautando-se sobretudo no diálogo. Infelizmente, o oposto aconteceu. Estados e municípios foram desarticulados e o enfrentamento da crise completamente fragmentado. Além disso,

conflitos dentro do próprio governo teriam atrapalhado o gerenciamento (MATTA, 2021).

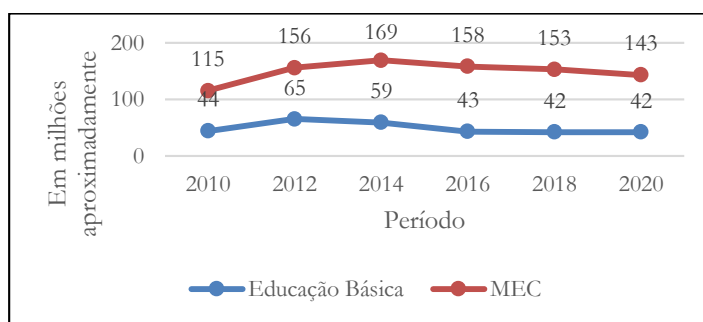
Matta salienta ainda que o comportamento do próprio presidente Jair Bolsonaro destoava daquelas recomendações da OMS. O fato de o então ministro da saúde tentar seguir essas instruções provocou fortes tensões no governo. Bolsonaro menosprezou a pandemia, questionou a gravidade da doença, usando termos como “gripezinha” para referenciá-la. E mais, posicionou-se contra ações de controle sanitário, tal como o uso de máscaras, lockdowns e medidas de isolamento/distanciamento social. No dia 20 de abril de 2020, ao responder uma pergunta sobre o número alarmante de mortos pela COVID-19, ele disse repetidamente “não sou coqueiro”.

Na mesma direção, e trazendo sólidos elementos que imputam ao governo um enorme descuido com a população mais vulnerável, Werneck (2020) enfatiza o seguinte:

No Brasil, o panorama é incerto e as estimativas válidas e confiáveis do número de casos e óbitos por COVID-19 esbarram na ausência de dados confiáveis, seja dos casos ou da implantação efetiva das medidas de supressão, frente às recomendações contraditórias das autoridades em cada nível de governo. A epidemia de COVID-19 encontra a população brasileira em situação de extrema vulnerabilidade, com altas taxas de desemprego e cortes profundos nas políticas sociais. Ao longo dos últimos anos, especialmente após a aprovação da Emenda Constitucional nº 95, que impõe radical teto de gastos públicos e com as políticas econômicas implantadas pelo atual governo, há um crescente e intenso estrangulamento dos investimentos em saúde e pesquisa no Brasil. (WERNECK, 2020, p. 3)

Ele também aponta sérios entraves no governo: incerteza das estimativas, falta de dados confiáveis e recomendações contraditórias. Quanto à população, cita as altas taxas de desemprego, o corte nas políticas sociais e o estrangulamento dos investimentos em saúde e pesquisa. O gráfico abaixo mostra a perturbadora estagnação dos gastos públicos em educação em plena pandemia.

Gráfico 1 - Gastos do Governo Federal em Educação



Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/>>. Acesso em: 06 jun. 2021.

Para Daniel Granada, “as ações e omissões do chefe do executivo integram uma política perversa de deixar morrer os mais vulneráveis, os pobres, os mais idosos, ou seja, aqueles que não são considerados úteis ou produtivos” (GRANADA, 2020, n. p.). Essa ideia pode até parecer absurda, mas está presente em cada entrevista ou discurso do atual presidente. Os números do gráfico corroboram para a nossa compreensão de que a inércia

do poder público atinge diretamente um dos direitos mais fundamentais neste momento de dor, sofrimento e medo – a educação.

A EDUCAÇÃO BÁSICA DURANTE A PANDEMIA

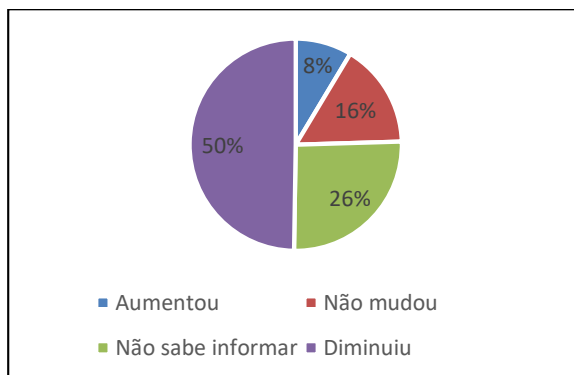
No campo educacional, são históricas as lutas por uma educação pública, gratuita e de qualidade. Porém, a pandemia acentuou mais ainda muitos dos problemas que as escolas já enfrentam há muito tempo. A evasão escolar, o desinteresse do alunado e a dificuldade de lidar com as tecnologias, por exemplo, são obstáculos constantes e que agora precisam ser sanados, a fim de que os novos processos de ensino-aprendizagem possam ocorrer da forma mais adequada possível.

De acordo com dados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes – *Programme for International Student Assessment (PISA)* –, o Brasil amarga uma das piores posições do mundo, entre **58º e 60º lugar em leitura, 66º e 68º em ciências, e 72º e 74º em matemática (variação adotada pela pesquisa) (BRASIL, 2019)**. A pandemia infelizmente afetou diretamente os nossos sistemas de educação, e as restrições sanitárias impediram o ensino presencial. Isso acabou afastando milhões de alunos dos processos de aprendizagem.

A pesquisa intitulada “Educação Escolar em tempos de pandemia na visão de professoras/es da Educação Básica”, realizada pela Fundação Carlos Chagas, com 14.285 docentes das 27 unidades da federação, entre 30 de abril e 10 de maio de 2020, mostra que para mais de 65% dos respondentes o trabalho mudou e aumentou. Mesmo assim, segundo esta pesquisa, “81,9% dos alunos da Educação Básica deixaram de frequentar as escolas, isto é, cerca de 39 milhões de estudantes” (VILLAS BÔAS e UNBEHAUM, 2020).

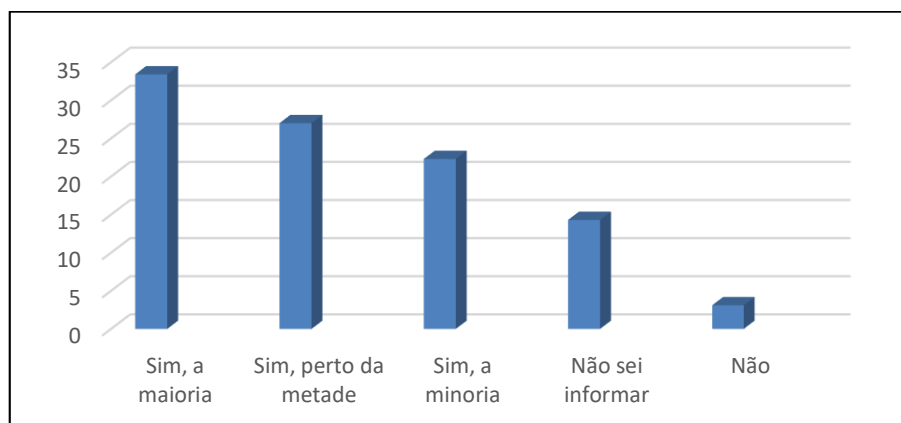
Diante disso, é possível perceber o quanto as redes de ensino foram incapazes de prover suficientemente os recursos necessários para o enfrentamento do fenômeno, como computadores ou smartphones com internet, para que todos os discentes tivessem acesso à educação. E embora grande parte dos docentes não possuía preparo para isto, muitas escolas se organizaram e tentaram promover o ensino remoto. Contudo, sustentar essa maneira de ensinar, sem os aparatos mínimos, pode trazer muitos transtornos, visto que não estão familiarizados nem preparados para lidar com esta situação. Mostramos, nos gráficos a seguir, a partir da concepção dos professores brasileiros, o nível de aprendizagem, o estado psicológico e o grau de realização de atividades de alunos, que conseguiram participar de alguma maneira.

Gráfico 2 - Aprendizagem versus Ansiedade/depressão



Disponível em: <<https://www.fcc.org.br/fcc/>>. Acesso em: 07 jun. 2020.

Gráfico 3 - Realização de atividades



Disponível em: <<https://www.fcc.org.br/fcc/>>. Acesso em: 07 jun. 2020.

Um dos números mais relevantes acima diz respeito à ansiedade/depressão. Mais da metade dos docentes estão percebendo seus alunos ansiosos ou depressivos. O fato de 35% responderem que não sabem informar revela um grande afastamento entre professores e alunos, mesmo os que estão envolvidos em processos de ensino-aprendizagem remotos. Outro dado preocupante: 50% afirmam que a aprendizagem diminuiu. Mesmo diante desses números, durante todo o período pandêmico, muito pouco foi feito.

Conforme esclarece Gatti (2020), sempre tivemos dificuldades em gerir o país, mesmo antes da pandemia. Como as propostas de políticas públicas educacionais, em qualquer nível, precisam nascer de uma articulação entre os entes federados, não havendo isso, amargamos serviços de péssima qualidade. Logo, se a educação brasileira já não ia bem sem restrições sanitárias, piorou com milhões de alunos e professores sem acesso a dispositivos básicos da era da tecnologia.

Dito isso, é possível perceber, diante de uma situação tão inquietante, que a estrutura de desigualdade social do nosso país nos remete a um passado não muito

distante, quando a educação era privilégio de poucos. Portanto, resta ao povo lutar. Nesse sentido, Freire, patrono da educação brasileira, afirma que “quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções, e assim, pode transformá-la” (FREIRE, 1979, p. 30-31). É preciso pensar, pois, que a educação é a ferramenta de compreensão, poder e transformação mais poderosa da sociedade e por isso mesmo deve ser cuidada, protegida e fortalecida, não o contrário.

A REDE PÚBLICA DE ENSINO DE PETROLINA-PE: UM BREVE RETRATO

O município está localizado na Mesorregião do São Francisco pernambucano e é o maior e mais populoso dos oito que compõem a Microrregião de Petrolina, com 359,372 habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). Possui o sétimo Produto Interno Bruto (PIB) R\$6.686.658,33, e a décima primeira renda *per capita* do Estado, R\$19.445,59. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal é de 0,702, considerado alto, de acordo com o Programa das Nações Unidas para Desenvolvimento (PNUD).

Figura 2 - Município de Petrolina-PE



Fonte: Acervo do autor

Apesar dos problemas e desafios de uma cidade emergente, Petrolina costuma ganhar destaque em revistas de abrangência nacional por alcançar suas metas de desenvolvimento humano, socioeconômico, estrutural e educacional. Em 2021, a revista Exame publicou um ranking da empresa Macroplan com a avaliação de vários serviços públicos das 100 maiores cidades do Brasil. Petrolina ocupou o 48º lugar, sendo considerada a melhor cidade do Nordeste para se viver.

Em 2020, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) das séries iniciais, observado no município foi de 6,2, ultrapassando a meta projetada de 5,3, sendo a única cidade pernambucana com mais de 100 mil moradores a superar a média 6,0. Nas séries finais, o município atingiu o índice de 5,2, superando a meta de 4,7, também liderando no Estado.

De acordo com o Censo Escolar 2020, o município registrou 10.040 matrículas em creches, 12.032 no ensino infantil, 34.787 no Fundamental I e 25.206 no fundamental II.

O corpo docente é formado por 2.246 professores e a rede estrutural é composta por 237 instituições de educação municipais.

Conforme o site¹ do Programa de Informatização da Gestão, da prefeitura de Petrolina, a Secretaria de Educação e Esportes tem como missão "garantir a todos os estudantes o direito à educação de qualidade, com o foco na aprendizagem em rede, promovendo equidade social" e está ancorada:

nos princípios da gestão participativa e democrática, da ética, da equidade, da legalidade, da publicidade, da eficiência, da impessoalidade, da justiça e da corresponsabilidade busca a realização do trabalho educacional que assegure o sucesso do estudante e o desenvolvimento de competências essenciais à sua formação cognitiva e de sua cidadania. (PROIG, 2021).

De fato, são inegáveis os esforços da rede pública de ensino do município em oferecer uma educação de qualidade aos seus milhares de alunos, contudo, durante a pandemia – assim como em muitas outras redes – houve grande dificuldade para atender de forma remota a todos os alunos. Isso pelas razões que já conhecemos: a falta de recursos e preparo tecnológico dos professores e principalmente o abalo na saúde emocional. Na seção a seguir, trazemos um pouco da abordagem didática e institucional entre meados de 2020 e 2021, período em que vigorou o ensino remoto.

O ENSINO REMOTO NA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE PETROLINA DURANTE A PANDEMIA

As restrições sanitárias impostas pela pandemia, em março de 2020, levaram ao fechamento das escolas da rede municipal, não havendo a oferta de aulas presenciais ou *on-line* durante o ano, exceto alguns encontros virtuais promovidos isoladamente em algumas escolas. Esse intervalo de meses distante das aulas provocou grande defasagem no aprendizado dos alunos, percebida pelos professores assim que as aulas foram retomadas, remotamente, em 02 de fevereiro de 2021.

Os estudantes matriculados em 2020 foram automaticamente aprovados para a série seguinte, sendo submetidos a um *continuum* de duas séries em 2021. Os alunos que estavam no sexto ano, em 2020, progrediram e, em 2021, cursaram o sexto e o sétimo anos, indo para o oitavo ano em 2022. Nesse período, tiveram que lidar com as limitações tecnológicas e a consequente exclusão dos processos de ensino-aprendizagem, visto que o ensino remoto proposto não abrangeu a todos os alunos e professores, afinal, a maioria não possuía equipamentos nem preparo adequado para as aulas *on-line*.

O resultado, como se pode imaginar, não foi dos melhores: alunos sem condições de acompanhar as aulas por falta de aparelho e internet; professores com equipamentos precários, internet insuficiente e sem treinamento para lidar com ferramentas digitais;

¹ Disponível em: <<https://www.educacao.petrolina.pe.gov.br/pagina/nossa-rede#>>.

profissionais atuantes nas escolas atordoados com uma situação inédita e a rede ainda buscando estratégias efetivas para a oferta de aulas com qualidade para todos.

Em 16 de agosto de 2021, foi iniciado o processo de ensino híbrido, com aulas presenciais, alternando-se as turmas e os dias. Notadamente, o resultado foi tão ruim quanto no processo totalmente *on-line*. Afinal, muitos alunos se recusaram a frequentar a escola e alguns professores com comorbidades também não puderam atuar. Além disso, os conteúdos tinham que ser repetidos pelos professores, já que as turmas haviam sido divididas. A Secretaria de Educação não obrigou a frequência presencial dos alunos, logo, alguns preferiram permanecer estudando por meios remotos, como videoaulas e atividades impressas.

Todo esse contexto é imprescindível para vislumbrar o cenário que sucederá a pandemia. As consequências e cicatrizes em cada aluno, pai, mãe, professor e funcionário envolvidos com a escola permanecerão por algum tempo, e será preciso considerá-las antes de propor qualquer política pública. Após esses dois anos totalmente adversos para a educação brasileira, as escolas precisarão de mais apoio e atenção. São elas que atendem às camadas mais vulneráveis da sociedade, logo, pesquisas qualitativas engajadas socialmente serão cada vez mais imperativas e necessárias.

A IDENTIDADE DOCENTE

Embora suas raízes alcancem a antiguidade, o magistério só passou a ser reconhecido como profissão, no Brasil, no século XX. Até 1950, ser professor era um sacerdócio, uma missão. Contudo, a partir da década de 1960, “reivindicações por melhores salários e condições de trabalho começaram a aproximar a profissão do proletariado da época”. (SILVEIRA, 2020, p. 5).

Tal como conhecemos hoje, o professorado passou a ser considerado uma atividade muito cansativa e mal remunerada, resultando numa crise na qual o interesse dos jovens pela carreira diminuiu e profissionais já estabelecidos abdicaram e têm abdicado de seus cargos. Como consequência, os cursos de licenciatura são pouco concorridos se comparados a graduações como medicina, direito ou engenharias. (MOTEIRO, *et al*, 2022).

Alguns estudiosos associam essa crise identitária ao esgotamento dos recursos emocionais dos professores, causado pelo complexo e intenso cotidiano, repleto de dificuldades e demandas, como salas lotadas, alunos desrespeitosos – em certos casos, até violentos – falta de equipamentos, entre outros. Essa baixa autoestima, esgotamento e estresse não consistem em algo ocasional ou individualizado, mas estão diretamente associados à identidade docente, além disso:

Apesar das ideias negativas baseadas no pouco reconhecimento financeiro e na imagem de trabalho penoso, ainda seria exigido dos professores e professoras um conjunto de qualidades morais e comportamentos emocionais específicos, associados a ideia de sacrifício e do ato de ensinar como “missão”. (SILVEIRA, 2020, p. 8).

Além dos conhecimentos e técnicas necessárias ao seu trabalho, para que seja considerado um bom profissional, o professor deve apresentar determinadas

características psicológicas e posturas emocionais, como a tolerância, a paciência e a alegria (FREIRE, 1995). Durante a pandemia de COVID-19, esses profissionais viram seus parentes, amigos e alunos morrerem; tiveram que se reinventar para continuar trabalhando de maneira completamente diferente e precisaram lidar com alunos cuja situação emocional, muitas vezes, era pior do que a sua.

Nesse contexto, professores expressaram-se de diversas maneiras: alguns se recusaram a trabalhar remotamente; outros adoeceram, ficaram apáticos, sofreram sozinhos em frente a uma tela enquanto esperavam os alunos, que não apareciam; falaram sozinhos sem uma câmera aberta sequer; perguntaram e obtiveram silêncio, pediram e foram ignorados; um novo cenário, de um dia para o outro. Muitos choraram.

A ANTROPOLOGIA DAS EMOÇÕES: UM OLHAR PARA OS PROFESSORES

A Antropologia das emoções começa a delinear suas fronteiras no mundo ocidental por volta de 1975, visto que, até então, os estudos antropológicos ainda obedeceriam à lógica dos estudos sociológicos, os quais, “relegavam para o segundo plano a ação social individual e, por conseguinte, os atores sociais e sua vida emocional” (KOURY, 2005, p. 239).

No Brasil, embora a emoção não tenha constituído objeto de pesquisa, ela surge como uma tendência coadjuvante na análise do social em meados dos anos 90. Não obstante, segundo Koury (2005), a noção de emoção está presente na obra de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Oracy Nogueira, entre outros, como constructo indireto das análises, já que as emoções e relações intersubjetivas foram primordiais à identificação de bases compreensivas para a realidade brasileira.

O objeto da Antropologia das emoções, por sua vez, é essa intersubjetividade, a cadeia de sentimentos direcionados a outros e provocados pela interação com outros em um dado contexto e situação social e cultural, isto é, vai além do que o ator social sente em determinadas circunstâncias ou à sua história de vida isoladamente. (KOURY, 2005).

A partir das análises sobre a expressão dos sentimentos como um comportamento simbólico, simultaneamente psicológico, fisiológico e social, Marcel Mauss explica que todo o conjunto de expressões orais de sentimentos, não somente o choro, não são fenômenos puramente psicológicos ou fisiológicos, mas sociais. No seu entender:

[...] todas as expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do grupo, são mais que meras manifestações, são sinais de expressões entendidas, quer dizer, são linguagem. Os gritos são como frases e palavras. É preciso emití-los, mas é preciso só porque todo o grupo os entende. É mais que uma manifestação dos próprios sentimentos, é um modo de manifestá-los aos outros, pois assim é preciso fazer. Manifesta-se a si exprimindo aos outros, por conta dos outros. É essencialmente uma ação simbólica. (MAUSS, 2001, p. 151).

Essas considerações conduzem ao entendimento de que todos os sentimentos e emoções experienciados pelos indivíduos são de caráter social e coletivo. Cabe, aqui, distinguir basicamente emoção e sentimento. A emoção é uma reação do indivíduo a circunstâncias morais e ligadas à sua sensibilidade (LE BRETON, 2009), portanto está

sempre relacionada a algo que o rodeia: o medo de algo, a alegria por causa de algo, nojo de algo etc. É o que move o indivíduo das mais diversas maneiras. Já o sentimento, apesar da convergência entre os termos no senso comum, diz respeito aos posicionamentos do indivíduo a partir das suas experiências, inclusive as emocionais.

Por exemplo, se uma jovem, no meio de um assalto, chora, grita e sua, essas reações são emoções provocadas por vários sentimentos, entre eles, o medo de morrer, que compõe a sua visão de mundo a partir do que a morte lhe representa, bem como de outras significações e experiências, sejam elas sociais, religiosas, psicológicas, morais etc. que integram o seu sentir e, por conseguinte, o seu mover. Logo, os sentimentos nem sempre são visíveis como as emoções, afinal o indivíduo pode sentir amor, ódio ou desprezo, mas não demonstrar.

David Le Breton assevera que o homem está no mundo e sua existência é permeada por sentimentos que podem mudar de acordo com o tempo e circunstâncias. A tonalidade psicológica deles pode vir acompanhada de alterações viscerais e musculares, além de mudanças no olhar sobre o mundo e os outros. “O gozo do mundo é uma emoção que cada situação – até mesmo pensar – renova de acordo com suas próprias cores”. (LE BRETON, 2009, p. 137).

Os sentimentos não são passageiros. O homem vive intricado em suas ações, relações, objetos, meios, e está em permanente influência dos acontecimentos. Mesmo as decisões mais racionadas ou mais “frias” envolvem a afetividade (LE BRETON, 2009), pois são processos embasados em valores, significados, expectativas etc. Isso é o que diferencia o homem da máquina: coração e razão entremeciam-se necessariamente. Por isso, às vezes, é possível racionalizar a afetividade, ao perceber, por exemplo, quando ela é prejudicial. O sujeito articula a díade inteligência e emoção. Existe inteligibilidade na emoção e emoção na inteligência.

A vida afetiva impõe-se inintencionalmente e não pode ser controlada mesmo que o sujeito seja inteligente e extremamente hábil a interpretar os fatos. É possível controlá-la ou influenciá-la apenas para um ajustamento conveniente. Então o sujeito passa a representar sinais de emoções que ele não sente.

Segundo ele, para o senso comum, a afetividade é totalmente espontânea e um refúgio à individualidade, mas mesmo quando é genuinamente sincera, emana características humanas e sociais. “O viés antropológico lembra o caráter socialmente construído dos estados afetivos, mesmo dos mais fervorosos, assim como de suas manifestações baseadas no fundo filogenético sobre o qual se bordam as sociedades” (LE BRETON, 2009, p. 138). A afetividade simboliza o clima moral da relação entre o indivíduo e o mundo, além de ressoar os acontecimentos do dia a dia e toda sua complexidade.

Michele Rosaldo (1984), no âmbito da antropologia americana, abordando as emoções como categoria antropológica, passíveis de investigação, reforça a necessidade de um olhar cada vez mais apurado para elas, a fim de compreendê-las como elementos fulcrais do comportamento dos indivíduos, indissociáveis da cultura e dos contextos. De acordo com essa autora:

[...] as emoções são pensamentos sentidos no corpo em formas de pulsações, rubores, trejeitos etc. que afirmam a dimensão social e cultural da formação da pessoa e de sua

influência na construção societária. As emoções, desta forma são sempre culturalmente informadas e contextualizadas na ação dos indivíduos sociais em interação com os outros e o mundo ao redor. (ROSALDO, 1984, p. 07).

Elegemos, assim, a Antropologia das Emoções como coluna central deste trabalho por entender que todo o processo caótico que atingiu os professores durante o período pandêmico foi o estopim de uma construção sociocultural e histórica repleta de elementos e sentimentos que, na verdade, sempre moveram as emoções dos professores: o desprestígio social, a elevada jornada de trabalho, a baixa remuneração e o senso comum de salvação da sociedade, através exclusivamente da educação, são alguns desses elementos que vêm sendo ignorados ao longo dos anos.

Urge, portanto, a necessidade de se repensar a educação, a cultura, a sociedade, a política, a economia, entre outros, como aspectos indissociáveis, complementares e delineadores do que ocorre dentro das escolas e salas de aula, por exemplo. A pandemia foi, de fato, a gota d'água para que toda a sociedade notasse e experimentasse os desafios e emoções que permeiam o fazer docente neste país. Passemos, então, à expressão das emoções dos professores.

AS EMOÇÕES DE ARAÚJO: UMA PROFESSORA ESPERANÇOSA

A professora Araújo avalia que a Secretaria de Educação não realizou um direcionamento adequado e adaptado do ensino para o contexto da pandemia. Para ela, o tempo de aula, por exemplo, não poderia ser o mesmo do ensino presencial, deveria ter sido menor, pois a dinâmica da aula remota é completamente diferente. No início da entrevista, a docente já deixa claro seu sentimento de insatisfação com relação à condução do processo.

Outro aspecto a mobilizar sobremaneira as emoções da professora foi o baixo engajamento dos alunos, tanto nas aulas remotas quanto na busca e realização das atividades impressas. Segundo ela, isso se deveu às adversidades da própria situação de pandemia, à desorientação familiar e à irresponsabilidade de alguns alunos e seus familiares. Nas suas palavras, “se no ensino presencial, o vínculo aluno/escola já era fragilizado, com a pandemia, a impressão é que ele se rompeu”.

Essa impressão nos remete ao seu descontentamento em ministrar as aulas estando ciente do rompimento do vínculo entre o aluno e a escola tão basilar para o processo educacional. Percebemos o seu tom crítico ao se referir a famílias e alunos que poderiam ter participado mais, já que possuíam aparatos tecnológicos, mas preferiam se abster.

Quanto à eficácia do ensino remoto, Araújo, enquanto reflete, com um sorriso um tanto sem graça no rosto, diz:

Olha, pelos resultados que a gente teve das diagnósticas do retorno presencial, eu acredito que eficaz, não. A gente conseguiu reduzir, evitar uma coisa que poderia ser pior, porque teve o envolvimento de alguns [alunos] com aquilo que a gente conseguiu proporcionar, porque se não tivéssemos feito exatamente nada, a situação seria bem pior.

É possível perceber, através do relato, o descrédito da própria professora com relação ao trabalho que estava desenvolvendo, mas também captar a sua sensação de dever

cumprido, tendo em vista as precárias condições de trabalho que lhe foram oferecidas. Além disso, observamos um certo alívio da docente ao avaliar, hoje, que, caso não tivesse feito nada, a situação seria pior.

Araújo afirma que uma das maiores angústias era a incerteza da eficácia do seu trabalho e se todo aquele esforço estava, de fato, alcançando os estudantes. Além disso, outro aspecto que mobilizou consideravelmente suas emoções foi a quantidade de mensagens que chegava nas suas redes sociais e a sobrecarga de arquivos no seu aparelho celular. Ela conta que em alguns momentos se sentiu transtornada, desesperada, pois a todo momento recebia recados dos alunos.

A reação da docente, ao receber tantas mensagens, é comum aos outros participantes da pesquisa. Todos tiveram que usar seus aparelhos pessoais e, por isso, acabaram misturando assuntos particulares e profissionais, o que lhes causou certo desespero. Ao relatar uma das memórias que mais lhe marcou durante o trabalho na pandemia, Araújo nos permite observar emoções implícitas no seu discurso:

A interação sempre foi muito baixa, os alunos desligavam as câmeras, nunca respondiam o que eu perguntava, mas teve uma aula, já depois do recesso, que comecei com alguns conhecimentos prévios deles e aí eu acho que por ter acionado esses conhecimentos... eles lembravam de 2019... E aí eles participaram, assim sabe? E esse dia eu fiquei muito feliz porque era uma aula que eles tinham que falar sobre substantivos... e como muitas coisas eles lembravam porque estudaram no presencial... Esse dia eu tive muita participação na turma, do começo até o final quando fiz a avaliação... o que a gente aprendeu hoje? E aí eles conseguiram descrever perfeitamente, sabe? Esse dia, fiquei feliz de verdade, porque eu percebi que houve participação, e eu pensei, nossa, atingi eles.

Primeiramente, observa-se o seu desânimo e decepção ao lidar com o fato de ser ignorada pelos alunos quando lhes fazia perguntas, bem como a sensação de solidão com todas as câmeras desligadas. No entanto, percebemos também a alegria nas palavras e nas expressões da professora ao narrar a única aula que, segundo ela, fluiu satisfatoriamente durante todo o período remoto do ano letivo de 2021.

Vale lembrar que, embora houvesse apenas dez alunos presentes nesta aula, ela ainda precisava disponibilizar materiais em formato PDF e adaptar as atividades, tornando-as mais didáticas e autoinstrutivas para os ausentes, já que estes não haviam participado da aula.

Como ponto positivo, Araújo cita a qualidade dos materiais produzidos e enviados pela Secretaria de Educação e as formações *online* que, segundo ela, contribuíram bastante, em virtude da troca de ideias, exemplos e abordagens que os professores estavam fazendo pela rede de ensino. A palavra-chave para o momento da pandemia, de acordo com a docente, foi “esperança”. A própria escolha desta palavra nos permite compreender que todo o seu trabalho foi permeado, apesar dos entraves, por emoções afloradas a partir deste sentimento, como calma, paciência, autocontrole e até alegria.

AS EMOÇÕES DE MORAIS: SEUS SENTIMENTOS E TRANSTORNOS

Para o professor Moraes, um dos maiores desafios foi gerenciar o turbilhão de acontecimentos simultâneos. Era preciso ensinar, cuidar da própria saúde, da saúde dos

estudantes, atender às muitas cobranças etc. Todo esse gerenciamento de tempo, planejamento e ministração de aulas foi bem doloroso e demandou bastante reflexão e paciência. Neste depoimento, percebemos a perturbação do professor frente a tantas atividades que lhe surgiram repentinamente:

Era necessário que naquele momento a gente fosse mais devagar com as coisas. Senti que a gente demorou a voltar, mas, quando voltou, veio níveis de cobrança que eu achei enquanto profissional muito exacerbados... mais do que todo mundo poderia lidar naquele momento, e acho que muitas das consequências eu senti naquele mesmo momento e muitos colegas sentiram depois, e eu acho que estamos colhendo as consequências agora com o retorno presencial.

Com relação à eficácia, Morais julga péssimos os processos de ensino-aprendizagem adotados: “eu comentei com muitos colegas que aquilo que gente fez foi fingimento; todo mundo fingindo que ‘tava’ ensinando e todo mundo fingindo que ‘tava’ aprendendo”. Para ele, se tivesse sido proposto um projeto político e uma educação numa perspectiva “mais humana”, o processo teria sido completamente diferente e os resultados encontrados hoje na sala de aula seriam melhores e tratados de outra maneira, com outra postura.

O docente esclarece que, durante a pandemia, desenvolveu grave ansiedade, transtorno que trata até o presente momento. Segundo ele, quando se sentava para trabalhar, sentia-se mal fisicamente, passando alguns meses sem conseguir produzir e dar o suporte que seus alunos precisavam. Ele declara o seguinte:

Eu tenho sete anos em sala de aula, e 2020 foi o pior deles. Foi o ano que eu repensei se educação era o que eu queria para minha vida, porque foi isso foi o gatilho que me fez adoecer, porque era tanta cobrança e demanda que eu ficava desesperado, não sabia por onde começar... tinha que dar suporte para o aluno *online*, elaborar material impresso, adaptar para o aluno com necessidades especiais... Isso tudo em uma semana, com currículo ‘pra’ dar conta, com avaliações, notas... O sentimento era de medo, ansiedade e desespero.

Como podemos ver, foram diversas as emoções e sentimentos que permearam o fazer docente deste professor. A tristeza e insatisfação que o levou a repensar a permanência na profissão; a consciência de que todo aquele processo estava lhe adoecendo; e o desespero, medo e ansiedade frente às demandas que mal conseguia cumprir.

Ele conta ainda que, numa das aulas, entrou um estudante, que estava com o pai e a mãe hospitalizados, tendo que cuidar de outra criança: “Esse momento foi bem difícil, porque eu não sabia o que falar, também não estava bem”. Narra, também, situações em que precisou encerrar a aula por conta da ansiedade. Para ele, faltou um olhar mais humano dos agentes da Secretaria de Educação e da direção da escola para circunstâncias como essa.

Para ele, as falhas institucionais foram graves de modo que não enxerga um ponto positivo sequer durante a pandemia, uma vez que não foi levado em consideração o aumento da jornada de trabalho e seu impacto na saúde mental dos professores. “Eu me senti extremamente perdido, extremamente jogado aos leões, e com suporte muito pequeno tanto a nível de escola, como de Secretaria de Educação”. Nesse sentido, as

reações emocionais de Morais quanto às falhas institucionais mobilizam reflexões acerca das condições objetivas de trabalho docente no período pandêmico.

Apesar de tantos problemas, ele reconhece que muitos professores começaram a acessar mais a internet, as ferramentas digitais em sala de aula e de alguma maneira esse aprendizado foi bom. Na sua visão, também foi possível perceber mais nitidamente o abismo entre a escola pública e a tecnologia. Segundo ele, um profissional sério que ainda tinha alguma dúvida da desigualdade social gigantesca que afeta o acesso dos estudantes à tecnologia, a dirimiu naquele momento.

É possível perceber, através de suas palavras incisivas e respostas prontamente organizadas, sua tamanha indignação com o período da pandemia e as inquietações gerais que lhe provocaram transtorno de ansiedade, embora reconheça a peculiaridade do cenário pandêmico. A palavra-chave dele foi “caos”.

A EMOÇÕES DE RIBEIRO: A SENSACÃO DE DESAMPARO E OS ALUNOS FANTASMAS

Na concepção de Ribeiro, um dos maiores desafios do período da pandemia foi a comunicação pelo Whatsapp, pois ela acabou trabalhando o tempo todo, respondendo mensagens de alunos, apesar da adesão de apenas cerca de 10% do alunado. Para ela, os alunos que entravam no ambiente virtual sequer assistiam à aula; desligavam a câmera, o áudio, e não participavam em nenhum momento, o que lhe trouxe muita angústia:

Foi muito ruim, porque ficava aquela sensação de que você estava ali tentando dar o melhor, mas você não tinha retorno, sabendo que depois seria uma negação. Fiquei bastante ansiosa e acabei perdendo um pouco a vontade de dar aula online, porque tinha muito contato com o celular e estava o tempo todo ali, mas tinha que dar retorno, né, para escola?

Quanto à eficácia, a professora relata grande dificuldade para executar o que planejava. Fazia *slides*, selecionava vídeos, ministrava aulas em parceria com outros professores, mas nada funcionava. Além de todos esses percalços, ela relata alguns momentos em que se sentiu constrangida durante as aulas remotas:

Teve um monte de alunos também entrando, falando coisas que não deveriam, e isso também deixou a gente um pouco constrangido, estavam ali junto à família e todo mundo escutando, talvez alguns pais alguns familiares... e eu acho que não foi muito legal.

Outro aspecto importante no depoimento de Ribeiro foi a sua apatia. Segundo ela, em muitos momentos, o único fator que a mobilizou “foi a questão do emprego, a obrigação do horário, do salário, do compromisso com os alunos..., mas teve dias que não entrou ninguém... Meu Deus, como pode um negócio desse?” Essa apatia vinha acompanhada dos sentimentos de inutilidade e angústia. A docente afirma o seguinte:

Eu me sentia como se, sei lá, não sei nem dizer, assim, exatamente, mas, sem função, praticamente sem função, inútil... realmente teve dias que não entrou ninguém. Isso era o que me deixa mais triste, porque eu sempre acordava cedo, no meu horário normal de ir para escola, preparava aula, e aí eu entrava ali esperava, esperava e nada. Então me senti como se fosse uma inútil ali, e eu fazia tudo porque tinha que cumprir... entrava, fazia tudo direitinho,

bonitinho e principalmente combinando com professores de outras disciplinas em fazer um trabalho interdisciplinar, mas quando chegava lá, não tinha aluno. Isso me deixava muito angustiada.

Na sua visão, essa baixa adesão se deveu à ausência de cobrança em casa, à fragilidade da base familiar, à falta de acesso à internet e equipamentos de qualidade, à distração e vícios em jogos e redes sociais e à desmotivação típica daquele momento. Ribeiro afirma que “muitos pais foram até ela dizer que os filhos só poderiam fazer as atividades à noite, porque o único celular precisava levar para o trabalho”.

Com relação às memórias que a marcaram, Ribeiro lembra que foi institucionalmente cobrada várias vezes por resultados, mesmo sem ter recebido o aparato necessário para trabalhar, mas considera um problema que seus colegas enfrentavam em todo o país. Relembra ainda suas reflexões sobre as consequências da aprovação automática desacompanhada de um projeto de intervenção e a defasagem que isso provocaria: “Hoje, encontro muitos alunos que não sabem ler no 6º ano e até no 7º”, assevera.

Sobre o direcionamento institucional, a docente traz algumas críticas. “Eu achei que foi tudo jogado, a gente teve que se virar de imediato, não recebemos equipamentos em tempo hábil para dar nossas aulas”. Para ela, os professores tiveram que providenciar celular potente ou notebook, dar conta de frequência sem ter aluno, já que os estudantes não tinham como entrar no ambiente virtual e nem se sentiam motivados para pegar atividades impressas. “Isso me deixou um pouco revoltada porque a gente não teve suporte, e a cobrança foi grande”.

Ribeiro expressou seus sentimentos durante a entrevista, sentimentos compartilhados com grupos de colegas, mas que continuam desconhecidos por aqueles que coordenam e dirigem a educação pública em Petrolina. Ela resumiu o período pandêmico com a palavra “desgaste”.

AS EMOÇÕES DE SILVA: O DESEJO DE SUPERAÇÃO

Inicialmente, para Silva, o principal desafio foi lidar com o ensino remoto e se adaptar rapidamente às tecnologias apesar da baixa adesão dos alunos. Muitos não participaram porque não se adaptaram ou por questões outras, como a falta de equipamentos e o abalo psicológico, o que demandou a difícil missão de contatá-los e acompanhá-los a partir de estratégias elaboradas pelos professores, utilizando seu equipamento pessoal. Ela avalia que numa turma de 30 alunos, 30% conseguiam acompanhar as aulas, com aproveitamento não muito bom.

Concernente às emoções do período, Silva conta que, no primeiro momento, quando as aulas foram canceladas, ela entrou em certo desespero: “será que vai retornar? Quando vai retornar? Aquela coisa de a pessoa se sentir meio perdida: o que vai acontecer daqui para frente?”. Depois, já com o ensino remoto instituído, houve bastante frustração por não se conseguir atingir os objetivos pretendidos, principalmente aqueles referentes à aprendizagem. De fato, foi um período muito frustrante e angustiante. Ao relembrar momentos que lhe marcaram, a docente relata o seguinte:

Os alunos falavam durante a aula “professora, não consigo aprender nessa aula online, eu quero que retorne a aula presencial”. Então, aquele sentimento de querer também voltar querer estar ali junto com os alunos. Outro momento, assim, marcante, foi quando... a gente passou um bom tempo sem encontrar os colegas... na primeira reunião que teve presencialmente, que a gente reencontrou os colegas, foi muito emocionante, muita gente chorou e tudo mais.

Quanto à abordagem institucional, assim que as escolas foram fechadas, na opinião de Silva, deveriam ter sido tomadas atitudes mais rapidamente. Para ela, houve bastante ociosidade e, quando se estabeleceu o ensino remoto, a falta de recursos mostrou-se uma grande dificuldade. Quando o poder público liberou o bônus financeiro, o prejuízo já estava ali.

Em relação aos conteúdos programados, desconsideraram a defasagem dos alunos, que mal conseguiam acompanhar após tanto tempo sem aula. Principalmente no início, não houve sensibilidade para se rever o currículo, com os professores, ideal e compatível com o momento. Apesar de tudo, Silva aponta que aprender a usar as tecnologias foi um ponto positivo. Ao final, ela escolheu a palavra “superação”.

A EMOÇÕES DE SOUSA: ENTRE A TRISTESA E A ADAPTAÇÃO

Para Sousa, adaptar-se também foi um desafio muito grande pois, segundo ela, foi um processo deveras acelerado e cheio de informações desordenadas. Lidar com o ensino remoto sabendo que nem todos os alunos tinham acesso à internet e à tecnologia foi muito difícil. Nas suas palavras:

Não consegui ver tanto resultado. É muito diferente quando você ‘tá’ ali com o aluno presencialmente... no remoto, você percebe a dificuldade até dos alunos mais participativos durante as aulas. Às vezes a conexão ruim atrapalhava bastante, a internet caía... o tempo de aproveitamento não era o mesmo e eu senti que não foi tão eficaz.

Nas palavras da docente, o sentimento foi de angústia, insegurança e incerteza:

A gente ficou sem saber o que iria acontecer, como seria o amanhã, quando a gente iria retornar, como seria esse retorno... então, eu ficava naquela angústia, naquela ansiedade... Quando retornamos presencialmente, os alunos chegaram, assim, acelerados, com muitos problemas emocionais, e eu, como professora, também tenho me pegava meio perdida na sala de aula e também vendo o meu aluno perdido... a questão do atraso deles... inclusive a ansiedade tem se intensificado nesse momento de pandemia/pós-pandemia... reflexo do comportamento e das atitudes em sala de aula.

Acerca do campo institucional, Sousa explica que, apesar das dificuldades, a secretaria acertou ao convidar alguns professores para gravarem aulas e disponibilizar em plataformas para que os alunos tivessem acesso; enquanto isso, outros professores ficaram na monitoria, dirimindo dúvidas, fazendo correções etc. No entanto, critica a burocracia daquele período. Segundo ela, muitas das propostas poderiam ter sido simplificadas, tanto para o professor quanto para o aluno.

A aproximação do professor com o mundo tecnológico, por mais conturbada que tenha sido, foi outro aspecto muito positivo, afinal bastantes profissionais tornaram-se

mais seguros, trazendo o arcabouço adquirido na pandemia para a rotina presencial. Sousa escolheu, para resumir o período da pandemia, a palavra “adaptação”.

AS LENTES DA ANTROPOLOGIA DAS EMOÇÕES

Desde que a educação se tornou um direito fundamental e essencial ao desenvolvimento dos indivíduos e conseqüentemente da nação, diversas providências foram tomadas com o fito de garantir que todos os brasileiros pudessem acessá-lo. No entanto, a necessidade de se educar paralela à ausência de um projeto nacional eficaz resultou em sistemas educacionais até hoje debilitados, desorganizados e ineficazes.

Nesse contexto de desvalorização e desrespeito, os professores são os atores sociais que, historicamente, mais sofrem, pois enfrentam cotidianamente desafios e emoções que certamente não chegam às câmaras e gabinetes. Na pandemia, esses desafios e emoções foram ampliados sobremaneira. Os relatos apresentados na seção anterior mostram a tamanha dificuldade que os docentes do município de Petrolina/PE tiveram durante o período pandêmico. A seguir, analisamos, à luz da Antropologia das Emoções, a atuação desses profissionais, visto que suas conseqüências ainda perdurarão por muito tempo.

É importante compreender que os sentimentos desses profissionais não são passageiros, pois vivem intrincados em suas ações, relações, objetos, meios, e estão em permanente influência dos acontecimentos. Nesse sentido, mesmo suas decisões mais racionadas ou mais “frias” envolvem a afetividade. São processos embasados em valores, significados, expectativas etc. É isso o que os diferencia da máquina: coração e razão entremecendo-se constante e necessariamente. (LE BRETON, 2009, p. 138).

A emoção, entendida como uma reação do indivíduo a circunstâncias morais ligadas à sua sensibilidade, denota, a partir dos depoimentos dos docentes, as tantas atitudes que eles tomaram a fim de conseguir sustentar o processo de ensino naquele período. Seguindo essa linha, para Le Breton, é possível racionalizar a afetividade, ao se perceber, por exemplo, quando a emoção é prejudicial. O sujeito articula a díade inteligência e emoção, porque existe inteligibilidade na emoção e emoção na inteligência. (LE BRETON, 2009)

Tendo em vista, entretanto, que os sentimentos que permeiam a existência humana podem mudar de acordo com o tempo e circunstâncias, é possível que abordagens mais adequadas atenuem aqueles que são âncoras de emoções negativas, dando lugar a outras mais positivas. Essa tonalidade psicológica deles pode vir acompanhada de mudanças no olhar sobre o mundo e os outros, afinal “o gozo do mundo é uma emoção que cada situação – até mesmo pensar – renova de acordo com suas próprias cores”. (LE BRETON, 2009, p. 137).

Para Michele Rosaldo, todos esses pensamentos e afetos manifestados pelos professores encontram-se aliados ao seu envolvimento social com a educação, seu ethos docente implicado, preocupado com a efetividade da relação ensino-aprendizagem e também social, tendo em mente que o elemento mais prejudicial não residia no processo do ensino remoto em si, mas em limitações sociais, econômicas, culturais e formativas tanto de alunos como de professores. (ROSALDO, 1984).

A sensação, relatada por Moraes, de que fingia estar ensinando, em si, foi uma reação completamente legítima e mais sincera do que ele mesmo pode ter percebido, afinal, certamente, muitas emoções emergiram nesse processo de “fingimento”. Para Le Breton (2009), essa afetividade sempre se oferece sob a égide da sinceridade e da particularidade individual que emana do indivíduo, mas também de um universo social de sentidos e valores.

De acordo com Mauss (2001), a demonstração desse considerável número de expressões, emoções e sentimentos demonstrados pelos participantes da pesquisa notoriamente marcados pelo caráter coletivo, são mais que meras manifestações individuais, constituem expressões obrigatórias de sentimentos.

As emoções relatadas pelos docentes, embora também apresentem caráter físico, não devem ser entendidas simplesmente como algo interno a ser externalizado, “mas como linguagens que falam da sociedade onde são produzidas e experimentadas” (MAUSS, 2001, p. 89). Por possuírem caráter social, algumas emoções apresentam-se como próprias a determinadas coletividades, impondo-se aos indivíduos e grupos, que obrigatoriamente as expressam (MAUSS, 2001).

O depoimento de Silva nos faz pensar sobre a importância do relacionamento pessoal e emocional que os docentes precisaram desenvolver diariamente com os alunos e colegas. Práticas afetivas como palavras de aceitação, gestos e atitudes de carinho, certamente foram fundamentais para o efetivo alcance dos alunos, mesmo que 10% deles. Com esse alcance, obtendo a atenção e abertura dos estudantes, o cumprimento dos objetivos educacionais foram suficientes para amenizar os danos causados pela ineficácia do ensino remoto. É essa “expressão obrigatória dos sentimentos” que impregna o indivíduo e o move, a despeito de sua vontade de acordo, com as expectativas e a compreensão de seu grupo. (MAUSS, 2001, p. 88).

Os gritos e choros a que Marcel Mauss se refere na sua obra são como as frases, os gestos, as câmeras desligadas, a euforia, a ansiedade, o desânimo. São aspectos do grupo docente que precisaram vir à tona, e, se assim o foi, é porque todo o grupo as compreendia perfeitamente. Todos manifestaram seus sentimentos, porque foi preciso manifestá-los, a si próprios expressando-os aos outros, em presença. Essa afetividade se inscreve em um sistema aberto de significações, valores, ritualidades, vocabulários etc. A emoção reside nessa trama, oferecendo aos atores interpretações sobre o que experimentam e percebem em relação aos outros. (MAUSS, 2001).

Ao trazer a Antropologia das Emoções para este debate tão silenciado acerca da educação brasileira no período da pandemia, busquei não apontar culpados ou promover um diálogo inútil, como alguns podem julgar, já que a pandemia foi controlada. Pelo contrário, o anseio foi problematizar a raiz das consequências que reverberam hoje, um ano após o retorno do ensino remoto, e que reverberarão por muito tempo, principalmente se o projeto educacional do país não for repensado.

Os professores, responsáveis diretos pelo ensino, fizeram sua parte, e nesse processo, as emoções não foram simplesmente resultados de um psicológico abalado, mas de consequências de sucessão de acontecimentos sociais, os quais, sempre que possível, devem ser apontados, debatidos e problematizados. Afinal, a partir do viés antropológico, entende-se que a vida, o trabalho, a diferença, as atitudes, enfim, as emoções, não são

isoladamente do outro, mas resultado de uma cadeia de acontecimentos na qual estão imbricados indivíduos e grupos sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil aparece entre os piores do mundo quando o assunto é educação. A pandemia infelizmente afetou ainda mais o nosso sistema e as restrições sanitárias impediram o ensino presencial, afastando milhões de alunos dos processos minimamente adequados de ensino-aprendizagem. As redes de ensino não foram capazes de prover os meios suficientes, como computadores ou smartphones com internet, para que todos os estudantes tivessem acesso. Mesmo assim, muitas escolas se organizaram e tentaram promover o chamado ensino remoto.

A falta de aparatos mínimos trouxe diversos transtornos para toda a comunidade escolar, pois, despreparados para lidar com a nova situação, alunos, pais e professores se viram sem comunicação, sem apoio e agarrados a poucas ações efetivas e afetivas que amenizassem o problema. Desse modo, o advento da pandemia e o manejo institucional precário impuseram emoções e sentimentos em grande medida desconhecidos e incontrolláveis para esta coletividade. No entanto, na medida do possível, os docentes operaram alguns ajustamentos, buscando garantir, ainda que parcialmente, que as finalidades do seu ofício fossem cumpridas.

Diante do cenário de incertezas e frustrações durante a pandemia, considero contribuir com a sociedade e a ciência, através deste trabalho que dá voz a profissionais que em muitos momentos tiveram que calar suas emoções. Espero que, de alguma maneira, os dados, reflexões, opiniões e depoimentos aqui contidos possam servir para uma condução institucional mais eficaz, humana, competente e capaz de promover os recursos diversos – não só em épocas de pandemia, mas constantemente – para uma educação pública, gratuita, qualificada e que orgulhe toda a comunidade, contribuindo para o seu crescimento e evolução da sociedade.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. A. **Filosofia da Educação**. São Paulo. Ed. Moderna, 2006.

ARANHA, Carla. Com frutas para o mundo, Petrolina é a melhor cidade para o agronegócio. Disponível em: <<https://exame.com/brasil/com-frutas-para-o-mundo-petrolina-e-a-melhor-cidade-para-o-agronegocio/>>. Acesso em 21 de maio de 2022.

BEZERRA, A. C. V. et al. **Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19**. Ciência & Saúde Coletiva. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/9g4hLHkSSW35gYsSpggz6rn/?lang=pt>>. Acesso em 03 jun. 2021.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Reconhece, para os fins do art. 65 da Lei Complementar n. 101, de 4 de maio de 2000, a ocorrência do estado de calamidade

pública, nos termos da solicitação do Presidente da República encaminhada por meio da Mensagem n. 93, de 18 de março de 2020. Disponível em:

<<https://legis.senado.leg.br/sdleggetter/documento?dm=8075954&ts=1584647908386&disposition=inline>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Relatório Brasil no Pisa 2018**. Brasília. Disponível em: <https://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/documentos/2019/relatorio_PISA_2018_preliminar.pdf>. Acesso em 07 jun. 2021.

COELHO, M.C.; REZENDE, C.B. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro, FGV editora, 2010.

ESTEBAN, M. P. S. **Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'água. 6 e 1995.

GATTI, B. A. **Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia**. Estudos Avançados. 2020, v. 34, n. 100. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.34100.003>>. Acesso em 08 jun. 2021.

KOURY. A antropologia das emoções no Brasil. Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 4, n. 12, 2005, p. 239-252.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014.

LE BRETON. D. **As paixões ordinárias: antropologia das emoções**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LISBOA, A. P.. **2020 foi o ano com menor gasto do MEC com educação básica desde 2010**. Correio Brasiliense. Brasília. 21 fev. 2021. Eu estudante. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante>>. Acesso em: 06 jun. 2021.

LUCENA, C. et al. **Pandemia Covid-19: a distopia do século XXI**. 1. Ed. Eletrônica: Uberlândia: Navegando Publicações, 2020. Disponível em: <<https://www.editoranavegando.com/livro-covid-19>>. Acesso em 04 jun. 2021.

MATTA, G.C., REGO, S., SOUTO, E.P.; SEGATA, J. **Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia** [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ, 2021. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/r3hc2>>. Acesso em 02 nov. 2021.

MAUSS. M. A expressão obrigatória dos sentimentos. In: **Ensaio de Sociologia**. Lisboa. Editora perspectiva. 2001.

MONTEIRO, A. N. P.; VAZ, B. R. G.; MOTA, R. S. **Desvalorização profissional dos professores**. Revista-LatinoAmericana de Estudos Científicos – RELAEC. V. 03, N.13 Jan./Fev. 2022

OLIVEIRA, S. S.; SILVA, O. S. F.; SILVA, M. J. O. Educar na incerteza e na urgência: implicações do ensino remoto ao fazer docente e a reinvenção da sala de aula. **Interfaces Científicas**, v.10, n.1, Número Temático, Aracaju, 2020.

ROSALDO, Michele Zimbalist. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. Em direção a uma antropologia do self e do sentimento. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 18, n. 54, 2019.

SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO. **Prefeitura do Salvador**, 2020. Disponível em: <<http://www.comunicacao.salvador.ba.gov.br/index.php/todas-as-noticias-4/56166-carnaval-2020-teve-16-5-milhoes-de-pessoas-nas-ruas>>. Acesso em 03 jun.2021.

SECRETARIA DE ESTADO DE SAÚDE DE MINAS GERAIS. **Coronavírus**, 2021. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.mg.gov.br/blog/35-o-que-e-coronavirus>>. Acesso em 03 jun. 2021.

SILVEIRA, R. B. F. **Identidade docente: emoções e atuação profissional**. 32ª Reunião Brasileira de Antropologia. 2020.

VÍCTORA, C.; COELHO, M. C. **A antropologia das emoções: conceitos e perspectivas teóricas em revisão**. Horiz. antropol., Porto Alegre, ano 25, n. 54, p. 7-21, maio/ago. 2019.

VIEIRA, W. M. A função social e a qualidade da educação: os impactos da pandemia pela covid-19 no sistema educacional brasileiro e a formação docente. **Revista científica Cognitionis**, 2021.

VILLAS BÔAS, L. e UNBEHAUM, S.. Educação escolar em tempos de pandemia na visão de professoras/es da Educação Básica. **Informe n.1**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2020. Disponível em:<<https://www.fcc.org.br/fcc/educacaopesquisa/educacao-escolar-em-tempos-de-pandemia-informe-n-1>>. Acesso em: 07 jun. 2020.

WERNECK, G. L. e CARVALHO, M. S. A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. **Cadernos de Saúde Pública**. 2020, v. 36, n. 5. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00068820>>. Acesso em: 06 jun. 2021.